



OPINIÃO

O Antropoceno veio para ficar?

PATRÍCIA VIEIRA 22/06/2015 - 00:25

Devido às enormes transformações provocadas no planeta pelos seres humanos, a nossa era geológica deveria ser chamada “Antropoceno”, ou seja, a era dos humanos.

Dizem-nos os meios de comunicação social que estamos a viver no Antropoceno, uma nova era geológica marcada pelo impacto dos seres humanos no planeta terra.

O termo Antropoceno tem-se vindo a tornar cada vez mais popular tanto entre cientistas como nas humanidades e nas ciências sociais. Nos Estados Unidos, podemos agora participar em conferências sobre “[Repensar Questões Raciais no Antropoceno \(http://envs.uoregon.edu/event/rethinking-race-in-the-anthropocene/\)](http://envs.uoregon.edu/event/rethinking-race-in-the-anthropocene/)”, ou “[O Feminismo do Antropoceno \(http://c21uwm.com/anthropocene/\)](http://c21uwm.com/anthropocene/)” e ler livros e artigos sobre *A Tarefa da Filosofia no Antropoceno*,^[1] ou *A Antropologia na Era do Antropoceno* (<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/139-AAA-Washington.pdf>), para mencionar apenas alguns dos muitos exemplos. Tanto a revista *The Economist* (<http://www.economist.com/node/18744401>) como o jornal *Huffington Post* (http://www.huffingtonpost.com/paul-stoller/welcome-to-the-anthropocene_b_6240786.html) deram-nos as boas-vindas ao Antropoceno e a secção *Opinionator* (http://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/11/10/learning-how-to-die-in-the-anthropocene/?_r=3) do *New York Times* procurou mesmo ensinar-nos a morrer nesta nova época.

Mas terá toda esta publicidade sobre o Antropoceno algum fundamento? No que diz respeito à ciência, teremos que esperar pelo veredicto final. A história do termo remonta a um artigo que o químico e vencedor do Prémio Nobel, Paul Crutzen, escreveu com Eugene Stoermer em 2000 defendendo que,

devido às enormes transformações provocadas no planeta pelos seres humanos, a nossa era geológica deveria ser chamada “Antropoceno”, ou seja, a era dos humanos.

A ideia de Crutzen e de Stoermer adquiriu um tal número de apoiantes que a Comissão Internacional de Estratigrafia (International Commission on Stratigraphy, ou ICS) criou o Grupo de Trabalho do Antropoceno. A função deste Grupo é considerar a possibilidade de que o Holoceno, a era geológica que teve início com o fim da última Era Glaciar há cerca de 11700 anos, poderá ter terminado e dado lugar ao Antropoceno. Não existe consenso sobre quando terá começado este novo período: alguns apontam para a expansão da agricultura, há aproximadamente 5000 anos, como a data de início; outros para a chegada dos Europeus ao continente americano; outros para o começo da Revolução Industrial no século dezoito; e outros ainda para as origens da era nuclear em 1945. O Grupo de Trabalho irá apresentar as suas recomendações iniciais em 2016 mas qualquer proposta e mudança terão que ser aprovadas pela ICS e pela União Internacional das Ciências Geológicas (International Union of Geological Sciences). Ao que parece, ainda demorará algum tempo até sabermos ao certo se estamos mesmo a viver no Antropoceno.

Apesar do peso que uma deliberação sobre o tempo geológico necessariamente acarreta, a decisão científica de batizar ou não a nossa era de “Antropoceno” não determina necessariamente o destino deste termo. Mesmo que esta designação seja rejeitada pela ICS, a expressão continuará provavelmente a ser utilizada não só em meios académicos mas também pela comunicação social. O Antropoceno veio para ficar, quer os geólogos queiram, quer não. Mas será que nós, leigos, nos devemos regozijar com chegada desta nova época?

À primeira vista, parece que não temos outra escolha senão reconhecer que estamos no Antropoceno. O aquecimento global e o iminente desaparecimento de vários países formados por ilhas, a crescente poluição atmosférica que deixa cidades como Paris ou Beijing às escuras quando há mais *smog*, a contaminação dos cursos de água por poluentes que envenenam todos os organismos à sua volta, a acidificação dos oceanos e a extinção de inúmeras espécies de seres vivos durante as últimas décadas são apenas os sinais mais óbvios do tremendo efeito dos seres humanos na terra. Não existem precedentes para tamanha hecatombe provocada pela humanidade.

O termo Antropoceno procura realçar esta destruição do planeta. O choque de nos apercebermos que estamos a alterar a constituição geológica da terra levar-nos-á talvez a abandonar a nossa habitual complacência. Poderá soar o alarme para aqueles que, apesar de preocupados de forma abstrata com o ambiente, se encontram absorvidos no seu dia-a-dia, alimentado por combustíveis fósseis.

O Antropoceno adquire assim uma função performativa: a sua utilidade estratégica como ponto de convergência de diversos setores do movimento ambientalista, bem como forma de pressionar a classe política a agir com celeridade no que diz respeito à proteção do meio ambiente, ultrapassa um enquadramento puramente científico. Trata-se de convocar a ideia de justiça ambiental, não só para os humanos mas também para todos os outros seres vivos, que estão a pagar pelos nossos erros.

[◀ Anterior](#)[Página 1 de 2](#)[Seguinte ▶](#)[Texto completo](#)

COMENTÁRIOS



PMPS.MONTEIRO

Já se sabe porque é que não andam de jato.

22/06/2015 21:30

Arons VC



22/06/2015 18:08 Não me custa nada acreditar que leccionam este tipo de absurdos na Georgetown University. .. São americanos, e tudo fazem para acreditar que Galileu ainda está para nascer. Minha cara Patrícia, talvez acredite que depois de nós, humanos, outras espécies se interessarão à nomenclatura das eras, como nós tivemos necessidade de o fazer para nos situarmos em termos cronológicos na evolução das espécies, mas isso não deixa de ser uma ideia supérflua, bem à americana. O interesse por esse tipo de definições começou com o homem e acabará com o homem, como deverá compreender, nós não estaremos cá para contemporizar a passagem da era do “Antropoceno” para a era seguinte. Agora dir-me-á: o Antropoceno representa apenas o período em que o homem promove a destruição do meio ambiente.



Arons VC

22/06/2015 18:08

OK... Então, quererá isso dizer que a seguir entramos na era do “Antropopateticus”, como se o planeta estivesse preocupado com as brincadeiras do homem, como se todas as experiências e convulsões que o homem provoca não tivessem origem em matéria que existe no próprio planeta e cuja fusão é possível mesmo sem a intervenção do homem. O planeta quer lá saber da ecologia. O planeta segue o seu curso nas convulsões do universo, com ou sem o homem. (Ironizando) Possivelmente o homem até está por aqui para garantir as mutações no planeta, mais rápido, quem sabe... Não vai querer que o Salmão inverta o curso dos rios, só para desovar em conforto?



Arons VC

22/06/2015 18:11

Compreendo que todo este enredo mantém pessoas como a Patrícia a viver num mundo de fantasia, longe dos atropelos à dignidade que sofrem os que têm os pés assentes na terra, mas, com mil diabos, chamem o animal pelo nome. O que o homem faz só altera as condições em que ele próprio existe e nada afecta o ambiente abstracto. Se um animal é extinto é o homem que fica privado dele, tal como com uma ilha paradisíaca ou um microclima, o planeta continua a girar à volta do sol como se nada fosse. Por isso Patrícia, talvez devesse empenhar-se mais na militância pela equidade entre os homens, porque é o clima de injustiça que promove o desastre ambiental. Sempre que um paraíso natural desaparece, há um paraíso fiscal que remanesce, e não esqueça...o planeta nem sequer fica aborrecido com isso.

